

PEDRAS PLANTAS PEIXES PÁSSAROS E PESSOAS CANTATA PARA VOZ, VENTO E VIOLA¹

*Carlos Rodrigues Brandão*²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

1. No tempo antes de agora

Quando antes aqui nada havia, havia quase tudo.
Havia o que entre cometas e trovoadas
começou com fúrias a criar na Terra o chão
sobre o qual o milagre da Vida veio começar a viver.
Foi aquele o tempo demorado dos sons sem as vozes,
pois apenas no ventre e na pele do planeta
tudo eram os ruídos das águas e dos fogos.

A fornalha dos vulcões, os tremores das pedras ancestrais,
o bramir dos mares de outros tempos,
o voar dos ventos sobre as areias e o tempo.
Os tambores ainda sem mãos das chuvas sem fim
e a alquimia de murmúrios que nos primeiros brejos
entrelaçava cadeias de carbono e fecundava no ventre da terra
a semente mínima das primeiras vidas.
Aquele foi o tempo em que muito antes dos sons dos seres
a Terra por toda a parte soava sem cessar
os ruídos sonoros de um mundo musical antes da Vida.

2. Qual a fala do buriti? Qual a do pé de ipê

A seu tempo chegaram então os primeiros seres ancestrais
que do ar e das águas, e dos minerais da terra
absorvem tudo o que precisam para semear
sobre entre as águas e sobre a terra os seres da Vida.

¹ Em sua versão original. Esta cantata cênica, entremeada com passagens de João Guimarães Rosa e outros viventes dos sertões, cerrados e gerais foi lida e tocada no encerramento do *Xº Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia* celebrado em Montes Claros, nos sertões do Norte de Minas Gerais, entre 22 e 26 de novembro de 2014. Outono, quadra da Lua Nova. Em sua versão atual ela foi revista e refeita para ser relida no *IXº Congresso Brasileiro de Agroecologia – diversidade e soberania na construção do bem viver* em Belém, entre 28 de setembro e 1 de outubro, quadra da Lua Cheia.

² Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás.

Silenciosa, antes da Vida dos bichos e da nossa, e durante eras
as plantas da Terra verdejavam um pequeno planeta
cujo céu cheio de gazes foi aos poucos ficando azul.
E em silêncio há milênios como agora, as árvores e as ervas
aprenderam a serem entre mudas falas o mais sábio ser da Vida.

Segredos vegetais! Quanto haveremos de aprender
quando ao invés de apenas falarmos entre nós sobre as plantas
soubermos nos calar para ouvir a voz e sem palavras
a sabedoria silenciosa das raízes, das flores e dos frutos?

*“Uma árvore cai com um grande estrondo,
mas quem escuta a floresta crescer?”**

* Provérbio do Senegal

3. os sons das águas e dentro das águas

Que vozes os elementos da matéria soavam dentro das águas
no tempo antes de os mares e os rios abrigarem a biologia da vida?
Fácil ouvir de longe o trovejar das altas cascatas
e a bateria de águas sobre as pedras das cachoeiras.
Mas dentro das águas calmas dos remansos do que veio a ser o mar
E os rios e os lagos, que mínimas vozes antes das bactérias
e dos pais dos primeiros peixes soariam que sons?
Quais músicas cantariam ainda sem sílabas e palavras?
Silenciosas são as tartarugas, os tracajás, os jacarés e os peixes.
Mas teriam sido os seus ruídos sem música e sem frases
as primeiras falas de uma vida vinda depois das plantas
e antes dos sáurios e dos pássaros.

4. Pássaros e outros seres antes da palavra

Com que códigos e gramáticas que a ciência dos xamãs
e dos doutores sonha decifrar
as primeiras bactérias terão criado na Terra Primitiva uma primeira literatura?
Como, anteriores ao signo, ao símbolo e à palavra, os seres originais da Vida
Entre eles se falavam entre urros, grunhidos, silvos e pios,
e de uma geração à outra transferiam seus sábios saberes?
Antes do silencioso som da preguiça gigante e dos tatus de grande porte

como a primeira ciência da vida terá criado os seus nomes?

E depressa, então, como se a sonoridade da Vida disparasse a sua flecha,
como já o planeta antes do homem ecoava nos dias e entre as noites
a infinita e diversa sinfonia da bicharada do cerrado e da floresta?
Que primitivos e já próximos dizeres de uivos e de berros, de ladridos e miados,
de urros, de cicios e, mais do que tudo, da infindável serenata dos pássaros
ecoavam entre os sons primordiais de que somos os herdeiros
nestas paragens de florestas verdes, de sertões, gerais e cerrados?

5. Os primeiros seres a dar nomes ao que havia

Vindos afinal de onde e através de que caminhos, em qual era da Vida
terão chegado aqui os primeiros seres que a tudo davam nomes,
e em suas línguas primitivas escreveram com palavras partilhadas
e coloridos desenhos escavados nas pedras das cavernas
a imagem e a figura sonora dos minerais, das plantas e dos animais?

Quais mulheres e homens vindos do Norte poliram aqui as primeiras pedras,
abriram as primitivas roças, armaram de taquaras as primeiras redes de pesca,
capturaram a primeira capivara, acenderam na noite a primeira fogueira
e com o tronco de qual árvore da floresta escavaram o oco da canoa
que pela primeira vez navegou os rios das terras que habitamos?
Que nome teriam então os matos, os lagos e os rios?
E o surubim? E a seriema? E a suçuarana?
Com que primitivos sábios sistemas do saber as mulheres da tribo
souberam separar as plantas da terra e estabelecer o vocabulário
das ervas que curam, as que matam, as que se come e as que alucinam?

6. Povoadores do Mundo que habitamos agora

Depois chegaram os outros, herdeiros dos primeiros homens.
Os povos errante, vindos de outras selvas, de outras lonjuras.
De alguns ficaram os nomes e a memória; de outros o esquecimento.
Terão dado que nome ao Araguaia? Qual nome ao Amazonas?
E quantas cidades e povoados de agora foram nomes de suas línguas perdidas:
Pará, Parintins, Cametá, Ananindeua, Marajó, Moju, Maraá, Tapauá, Tefé.
Quantos nomes de lugares, de plantas e de bichos
soaram em suas falas de outros perdidos tempos,
entre centenas de povos e etnias de indígenas de ontem e de agora?

Pequeno poema com nomes de bichos em falas de índio

quiriru, surucúá
pacu-pira, candiru
pacu-piranga, piaba
pirapitinga, iambu
piri-piri, curimatá
mutum-pinimba, iaçami
sary-ema, aracuãá.

pacu-tinga, caxixi
piranha-paxuna, mutum
uacari-guaçu e cãcã
paravehú, bocrayubá
irara, urubu-tinga
saíra, urutu, coati
maracanã, tracajá
coti-yuba, maracajá.

aperiá e mocura
sussuarana e apaca
lobo guará, capivara
suçuarana, acauã
uru-mutum, sabiá
inambu-torum
mutum-pinimba
matrinchá e surubim
o quati e a irara
caxiú, macaco-ussu
a maritaca e a arara
jaguar e jaguatirica
tamanduá e tatu.

7. Os vindos de longe – servos de pele escura

Fugidos de minas, das casas-grandes e de fazendas,
outra vez convertidos de escravos em homens e mulheres livres,
retornados aos seus nomes de guerreiros de África,
aprendizes de sábios sacerdotes de deuses de pele escura como a deles,

homens e mulheres negras abriram trilhas nas florestas
e entre os ermos dos sertões e na beira dos rios e das floretas
construíram os seus quilombos e povoaram de outros nomes
os seres da Vida com quem repartiam a vida e o destino.
E houve um tempo em que tanto a onça quanto deus eram pronunciados
entre diversas gramáticas e línguas de índios, de negros e de brancos pobres
e depois empobrecidos, cercados e encurralados.

8. *Gentes dos rios e da terra*

De acordo com o lugar onde plantavam as suas moradas
e semeavam entre setembro e janeiro os grãos da vida
os povos da terra e das águas criaram os nomes dos viventes
das águas e das florestas, dos sertões, cerrados e caatingas:
seringueiros, castanheiros, pescadores, beiradeiros, barranqueiros,
vazanteiros, quilombolas, lavradores, camponeses.
Povos de sertões, cerrados, campos, pampas, pantanais, faxinais e florestas
E os unia o mesmo destino de serem por toda a parte os semeadores da vida:
Artesão do oitavo dia, plantadores rústicos dos grãos da fertilidade.
a que gera os filhos, a que frutifica as roças de milho e mandioca
sabedores ancestrais dos segredos das mil espécies de seres da vida
que em pouca coisa tornava diferentes os xacriabá, os xavante,
os ianomâmi, os tapirapé. os quilombolas e os camponeses,
irmãos da aventura de com as mãos e a madeira
cultivarem a diversidade das raízes, tubérculos, grãos e frutos
que com diferentes gramáticas de saberes
obtinham da natureza e dos grãos da roça o sustento da Vida.

9. *A chegada do estranho – seres de peles brancas*

Um dia, muitos milhões de anos depois das águas, e depois dos peixes e das aves,
e centenas de milhares de anos depois da chegada dos primeiros humanos,
e depois dos povos indígenas de iguais peles da cor da terra... eles chegaram.
Montados em cavalos, senhores dos trovões de pólvoras e de papéis,
mamelucos e brancos de peles de couro e chapéus
ao invés de cocares de penas na cabeça,
eles pretenderam mudar a geografia dos dons da Vida e o nome dos seus seres.
Senhores do nada tomaram as terras dos povos ancestrais,
E com eles voltou à floresta, ao cerrado, à caatinga e aos sertões, a era do fogo.
E à diversidade dos povos ancestrais eles deram um único nome: “índios”.
E por anos a fio dedicaram-se a exterminá-los da terra que era deles.

A poder de mortes derrubaram matas, secaram lagoas e desertaram a Vida.
E os que vieram do Sul, senhores de terra roubada e de servos comprados,
eles inventaram o ganho e o lucro, ali, onde antes havia a troca e a partilha.
E pela primeira vez as redes e malhas finas da ganância
pescavam em excesso os filhotes dos peixes.

E lá onde por milhões de janeiros e julhos havia por toda a parte
a resistente e colorida multiforme vida da floresta, cerrado, do sertão
salpicado de veredas verdejantes, ninhos da vida e do afeto,
eles derrubaram as árvores que guardam as águas da chuva
e entre raízes profundas as fazem descer ao coração da terra.
E depois de matarem a variedade da Vida, araram com máquinas
Porções intermináveis de terra devastada, e inventaram a maldição
Da geometria de seus desertos de soja, algodão e eucaliptos.

10. os outros, nós

E com estranhas palavras em Latim chegaram um dia de longe,
vestidos de escuro e com estranhas lupas e outros aparatos
uma gente que ao buriti, ao pequi, ao ipê, ao baru e à mangaba
começaram a dar outros complicados nomes de difíceis vozes.
E sem cultivarem a intimidade amorosa com que os povos da terra
tratavam a arara, o cavalo, a flor do ipê, o macaco e a tapioca
eles buscavam decifrar os segredos que a Vida com afeto revelou aos sertanejos.

Eles que deveriam ouvir a palavra do poeta:
“Pergunta aos doutores, se não te basta o vento” **.

** Verso de Pablo Neruda

11. O silêncio dos senhores do deserto

E mal as últimas cinzas dos fogos que acendiam
se apagavam como lágrimas de pó sobre o chão seco,
os senhores do Sul semeavam com a soja, o êxodo dos filhos ancestrais da Terra.
E no lugar onde as comunidades populares partilhavam os frutos do trabalho
a que deram mil nomes antigos, sábios e sonoros,
eles expulsaram gentes, e entre cercas povoaram de gado o vazio.

E pelas estradas do sertão ou entre a cerca e a beira do rio
camponeses sem a terra vagavam em meio a desertos verdes de ilusória vida.
Eles, os lavradores que por gerações a fio, entre avós e netos

foram os semeadores de roças de milho, mamão e melancia,
de arroz, amendoim, feijão, fava, mandioca, inhame e algodão.

E sobre e sob a terra onde ancestrais de índios, negros e camponeses brancos
com as mãos em concha colocavam as diversas sementes da vida do povo
os senhores atiravam os pós de malditos nomes e os líquidos de seus venenos
plantadores da morte, senhores do ganho injusto, semeadores do deserto.
Do chão do sertão vão sendo os pobres da terra expulsos a poder de enganos
e entre silêncios de pássaros e o rugir de máquinas
a vida que era viva, começou a morrer a sua própria morte.

12. Repovoar os sertões de vidas e de nomes sonoros

Povos indígenas, comunidades quilombolas, famílias camponesas:
entre a cerca, o rio e a estrada, uma gente encurralada
perde os seus territórios, migra da terra de seus ancestrais,
matas e veredas um dia verdes, e as fontes das águas da Vida.
Terminada esta noite de encontros, amanhã retornaremos às nossas casas.
Protegidas propriedades nossas nos esperam
e a elas cumpre voltar com a esperança de ali reencontramos
tudo o que é nosso, nossas posses, tal como deixamos.

A que moradas de quais lugares voltaram e voltarão
outros, eles, os que entre a pele escura, a mão calosa,
a voz de quem sabe e sofre, e o coração doído de esperar,
não sabem se e até quando terão ainda uma casa, uma roça de milho,
uma comunidade, uma semente nativa, uma terra, um território?

E sabemos que quando perdem para os homens do poder e do mercado
aquilo de que a vida do povo se nutre a cada dia: a terra e a água,
o que após a perda da, casa, da lavoura e da comunidade
o que se perde também são os saberes dos segredos da vida.

E bem sabemos que eles vieram de longe até aqui para nos dizer
que para além do que escrevemos na cidade eles esperam de nós,
que ao conhecermos um pouco mais dos seus segredos, dores e saberes
sejamos, bem mais do que estudiosos do que eles sabem e de como vivem.
Que aprendamos a ser uma presença ativa junto às suas lutas e esperanças,
para que o que hoje estudamos sobre os seus saberes vivos sobre a Vida
não venha se tornar algum dia a ciência de uma antiga história
do que pessoas, povos e comunidades souberam saber alguma vez.
A sabedoria ancestral do lidar com a Terra e a Vida.

Os saberes que os seus filhos, exilados da terra dos avós,
longe da terra ancestral começaram um dia a esquecer.

*Que este escrito entre a poesia e a denúncia termine com palavras
que não são minhas. palavras que havendo vindo aqui eu li e ouvi
de camponeses do Norte de Minas Gerais*

**Comissão Nacional de Ligas de Camponeses Pobres
Carta Aberta aos participantes da 748ª Reunião da “Comissão Nacional
de Combate à Violência no Campo”.**

**Lida durante a referida reunião na Câmara Municipal de Montes Claros,
no dia 20 de novembro de 2014. Dois dias antes da abertura de nosso
Simpósio.**

*Queremos aqui nesta oportunidade enumerar algumas questões que
resumem a ação deste governo que, ao contrário de toda a propaganda,
inclusive de suas “audiências públicas”, está a serviço do vigente sistema
de exploração e opressão. Que enquanto uma “Comissão Nacional de
combate à Violência no Campo”, sob nome pomposo, o que faz é promover,
encobrir, avalizar e favorecer a violência do Estado e dos latifundiários
contra os pobres do campo.*

*Quais têm sido as soluções apontadas para o que chamam genericamente
de “conflitos”, que não seja enviar tropas cada vez mais armadas para
guerra? Não criaram a Força de Segurança nacional e até unidades de
choque da Polícia Federal para reprimir camponeses, indígenas e outros
trabalhadores? O remédio para os “conflitos” de enviar forças policiais
não tem sido o de sempre: tomar espingardinhas e motosserras dos
camponeses, além de apreenderem suas motos? Onde e quando, em qual
“conflito” que as forças repressivas enviadas tanto pela “Comissão
Nacional de Combate à Violência no Campo” quanto por outro órgão do
Estado em que latifundiários ou seus gerentes foram presos? Em que os
arsenais de armas que eles possuem foram apreendidos?*

*Se os números revelam a gravidade da situação, o pomposo nome dado pelo
governo a esta “comissão” se encarrega de esconder a realidade. Violência
no campo? De quem contra quem? Quantos camponeses, indígenas e
quilombolas assassinados nestes anos? Quantos latifundiários, donos de
mineradoras e de grandes empreiteiras assassinados? Quantos indígenas e*

quilombolas presos? Quantos diretores e gerentes e funcionários do INCRA, institutos estaduais de terras, juízes e outros órgãos do Estado quem prevaricaram, dão documentos falsos e favorecem latifundiários estão presos? Quantas operações militares complexas e com todo aparato policial-militar do Estado, escutas telefônicas, etc., contra camponeses, indígenas e quilombolas? Quantas operações do mesmo porte e com a mesma publicidade para prender latifundiários ladrões de terras, assassinos e grileiros?

Recebido em 05/08/2018.

Aceito em 28/10/2018.

Publicado em 10/09/2020.